



Foto: Luiz Mantovani.

Experiências colaborativas

Participando do nascimento de uma obra

Por Luiz Mantovani, violonista e professor do Curso de Música do CEART/UDESC

Muitas vezes me senti frustrado por não ser compositor. Embora tenha iniciado minha vida acadêmica como aluno de composição, desde o início minha aptidão para o violão foi mais forte, direcionando minha carreira artística e oferecendo oportunidades específicas de crescimento profissional. Por isso, a composição foi uma atividade bastante efêmera em minha vida, e infelizmente, não vingou. Porém, ainda que não componha, contento-me em ser intérprete. Afinal, no processo que envolve a concepção da interpretação de uma obra musical ocorrem muitas etapas cognitivas e criativas que, se não me capacitam

a ser chamado de “criador”, podem muitas vezes me alçar à condição de “recriador”.

É assim na interpretação de obras de compositores com os quais não se tem contato, seja pela distância física ou temporal. Ao interpretar uma obra de um compositor que viveu há décadas ou mesmo séculos atrás, por exemplo, sinto-me na obrigação de não apenas traduzir o conteúdo da partitura (o que qualquer computador hoje em dia faria com precisão), mas também elaborar minha interpretação penetrando no universo daquele compositor e de sua obra – não

apenas o universo estilístico, mas muitas vezes também o pessoal, bem como o contexto histórico em que viveu. A isso são somados elementos de minha própria personalidade que, afinal, caracterizam o “tempero” que fará de minha interpretação algo pessoal e único.

Além do processo de recriação discutido acima, ao intérprete que se envolva com música contemporânea existe uma possibilidade singular de participar na criação de uma obra, que é a colaboração com compositores, principalmente na função de revisor. Em minha história como instrumentista, tive algumas oportunidades de trabalhar com compositores na concepção de obras originais, e posso afirmar que este é um dos trabalhos que mais me encantam.

A maioria de minhas colaborações foi com compositores que não tocavam o violão – ao menos não de maneira profissional – e isto me aproximou ainda mais da essência da criação. Isto acontece porque o violão é um instrumento que apresenta possibilidades polifônicas muito mais limitadas que o piano, por exemplo; mas, dentro destas limitações, apresenta infinitas nuances técnicas e sonoras, muitas ainda hoje pouco exploradas. Assim, raramente um compositor que não tenha conhecimento prático do instrumento saberá explorar estas nuances em sua plenitude, a não ser que conte com a assessoria de um intérprete experiente. Ainda que a história do instrumento algumas vezes desminta o que acabei de expor, tenho plena convicção de que o auxílio do instrumentista como mediador entre a concepção original e o

resultado idiomático final é particularmente importante.

Minhas colaborações com compositores começaram ainda na graduação em Campinas e no Rio de Janeiro, passaram pelo período em que morei e estudei nos Estados Unidos e continuam hoje em Florianópolis. E, por que não dizer, no mundo, já que a internet praticamente eliminou a barreira da distância física para a troca de informações. Entre os compositores com os quais trabalhei mais diretamente

no passado posso citar o paulista Raul do Valle (Vitrais, para flauta e violão, 1992), o israelense Lior Navok (Meditation, para violão solo, 2001) e o norte-americano David Leisner (Acrobats, para flauta e violão, 2002).

Desde que comecei a lecionar na UDESC em 2003, tive contato com talentosos colegas compositores que escreveram ou escrevem para o violão, tais como Kleber Alexandre, Lourdes

Saraiva e Luigi Irlandini. Com participação direta na concepção de uma obra original, não posso deixar de mencionar minha experiência com nossa querida Maria Ignez Cruz Mello, falecida em 2008. Ainda que não tenha feito a estreia, em 2005 ajudei-a na revisão da peça Desterro – Noite/Dia, para violão solo, estreada naquele mesmo ano na Bienal de Música Contemporânea do Rio de Janeiro. Já com Acácio Piedade e seu ciclo de canções Desertos, para mezzo-soprano, dois violões e violoncelo, minha participação foi como revisor da escrita violonística e instrumentista da estreia da obra, que aconteceu em 2009 no Festival de Música Contemporânea da Aliança Francesa, no Teatro Álvaro de Carvalho aqui

“O auxílio do instrumentista como mediador entre a concepção original e o resultado idiomático final é particularmente importante”

em Florianópolis. O prazer em estreiar esta obra foi ainda maior em virtude de ter dividido o palco com colegas, alunos e ex-alunos do Departamento de Música da UDESC.

Minha mais recente colaboração, e também a mais intensa e de maiores proporções, aconteceu em 2010. Desde a experiência prévia com Meditation em 2001, eu e Lior Navok conversávamos sobre o sonho da encomenda de um concerto para violão e orquestra. Apesar da vontade de ambos, uma obra deste porte exigiria um compromisso da parte de uma orquestra sinfônica e um aporte financeiro considerável, o que não permitiu que nosso projeto fosse realizado de imediato. No início do ano passado, entretanto, uma encomenda da Israel Sinfonietta Beer Sheva e o apoio da Embaixada do Brasil em Tel Aviv permitiram que o sonho tomasse forma.

Apesar de não ser violonista, a experiência prévia de Lior na escrita para o instrumento forneceu-lhe um conhecimento muito prático sobre o violão, o que dispensou revisões elementares de minha parte. Desde os primeiros rascunhos da obra pude perceber que meu trabalho de revisor seria em nível muito além da mera exequibilidade das notas, instigando-me a compreender o papel do instrumento solista em um contexto instrumental que é, por natureza, muito mais amplo e complexo do que o vivenciado em minhas experiências colaborativas anteriores. Assim, minha função enquanto revisor seria a de assegurar que, em sua escrita violonística, o compositor expressasse suas idéias da maneira mais idiomática possível, de modo que o violão soasse perfeitamente integrado ao conteúdo musical e emocional de cada passagem da obra. Isso exigiu, mais que nunca, um mergulho na mente criativa do compositor, explorando caminhos muitas vezes ainda desconhecidos para mim. O Concerto para Violão e Orquestra de Lior Navok foi estreado em outubro de 2010, na cidade de Beer Sheva, Israel, e considero minha participação no nascimento desta obra como uma das ocasiões mais estimulantes e, ao mesmo tempo, desafiadoras de minha carreira.

A experiência de trabalhar diretamente com compositores é das mais gratificantes que um instrumentista pode ter. Dar vida a um trabalho do qual se participou ativamente na concepção oferece uma satisfação, acredito, quase comparável à satisfação da criação propriamente dita. O ambiente universitário é um ambiente extremamente fértil para que isto aconteça, devido à convivência e diversidade de personalidades artísticas que lhe é peculiar.

Fica, pois, minha dica para os jovens compositores e instrumentistas da UDESC: colaborem! ■

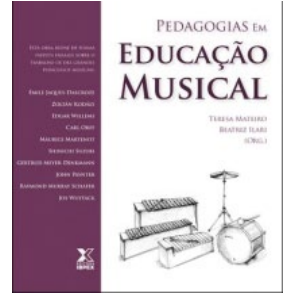


Imagem: Divulgação.

Livro - Pedagogias em Educação Musical reúne ensaios de grandes pedagogos musicais

Sob a organização das professoras Teresa Mateiro e Beatriz Ilari, o livro Pedagogias em Educação Musical reúne de forma inédita ensaios sobre o trabalho de dez grandes pedagogos musicais: Émile Jaques-Dalcroze, Zoltán Kodály, Edgar Willems, Carl Orff, Maurice Martenot, Shinichi Suzuki, Gertrud Meyer-Denkmann, John Paynter, Raymond Murray Schafer e Jos Wuytack.



Imagem: Divulgação.

Livro - Os Jesuítas e a Música no Brasil Colonial debate relação musical entre indígenas e jesuítas no Brasil

Os jesuítas e a música no Brasil colonial é uma pesquisa do professor Marcos Holler (UDESC), que consultou a documentação jesuítica arquivada em Lisboa, Roma e várias cidades brasileiras, reunindo praticamente todas as informações sobre a atividade musical escrita pelos jesuítas ou sobre eles no Brasil. Além de se referir aos estudos anteriores sobre o tema, o autor expõe uma nova e visão sobre o assunto e responde a várias questões sobre a difícil relação musical entre indígenas e jesuítas no Brasil.



Astor Piazzolla. Autor desconhecido.

Quinteto de Cordas Catarinense interpreta Astor Piazzolla

Selecionado no Edital Elizabete Anderle de Estímulo à Cultura, o CD tem como proposta conferir nova interpretação para algumas das obras mais importantes de Astor Piazzolla na formação de quinteto de cordas. O Quinteto é formado pelos músicos João Eduardo Tilton, Pedro Miszewski, Jhonatan Santos, Hans Twitchell e Gustavo Lange Fontes. Os arranjos são de Jaime Zenamon, exceto para La Muerte del Angel, que é de Guido Borgomanero.



Villa-Lobos. Autor desconhecido.

Quarteto Brasileiro de Violões lança CD dedicado a Villa-Lobos

O CD Brazilian Guitar Quartet plays Villa-Lobos, lançado pelo selo norte-americano Delos, é o primeiro CD do quarteto inteiramente dedicado ao compositor brasileiro Heitor Villa-Lobos, representado por algumas de suas obras-primas em arranjos inéditos. Com expressiva carreira internacional de mais de 300 concertos em quatro continentes, o grupo se diferencia por um repertório que inclui dois violões de seis cordas e dois violões de oito cordas de tessitura expandida. Em atividade desde 1998, é formado por Everton Gloeden, Tadeu do Amaral, Gustavo Costa e Luiz Mantovani.